

EDUCAÇÃO AMBIENTAL ENTRE O GLOBAL E O LOCAL: CAMINHOS PARA O CONSUMO SUSTENTÁVEL E A CIDADANIA PLANETÁRIA

ENVIRONMENTAL EDUCATION BETWEEN THE GLOBAL AND THE LOCAL: PATHWAYS TOWARD SUSTAINABLE CONSUMPTION AND PLANETARY CITIZENSHIP

Nívia Helena de Melo Lopes

Secretaria de Estado da Educação de Goiás, GO, Brasil

Resumo: A educação ambiental, diante das crises ecológicas e sociais contemporâneas, constitui um instrumento essencial para promover a reflexão crítica sobre as relações entre ser humano, sociedade e natureza. Este artigo tem como objetivo discutir as conexões entre as dimensões globais e locais da sustentabilidade, evidenciando como práticas educativas voltadas ao consumo consciente e à cidadania planetária podem contribuir para a transformação social. A pesquisa, de natureza bibliográfica e abordagem qualitativa, fundamenta-se em autores que abordam a interface entre educação, ética ambiental e formação cidadã. O estudo aponta que o enfrentamento dos desafios ambientais exige uma pedagogia baseada na cooperação, na solidariedade e na corresponsabilidade, capaz de integrar teoria e prática em ações concretas. Argumenta-se que a escola, ao valorizar o diálogo entre ciência, cultura e comunidade, torna-se um espaço privilegiado para a construção de novos valores e atitudes voltadas à sustentabilidade. As metodologias participativas e interdisciplinares são destacadas como caminhos potentes para promover a conscientização ecológica e o engajamento coletivo. Conclui-se que a educação ambiental deve ser compreendida como um projeto político e civilizatório, cujo propósito é formar sujeitos críticos, éticos e comprometidos com o futuro do planeta. A integração entre o global e o local, no contexto escolar, fortalece a consciência de pertencimento e de responsabilidade compartilhada, reafirmando a importância da educação como prática transformadora e promotora de justiça social e ambiental.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Sustentabilidade. Consumo Consciente. Cidadania Planetária. Transformação Social.

Abstract: Environmental education, in the face of contemporary ecological and social crises, constitutes an essential instrument for promoting critical reflection on the relationships between human beings, society, and nature. This article aims to discuss the connections between the global and local dimensions of sustainability, highlighting how educational practices oriented toward conscious consumption and planetary citizenship can contribute to social transformation. The research, theoretical in nature and qualitative in approach, is grounded in authors who explore the intersection between education, environmental ethics, and citizenship formation. The study indicates that addressing environmental challenges requires a pedagogy based on cooperation, solidarity, and shared responsibility, capable of integrating theory and practice into concrete actions. It is argued that schools, by valuing dialogue among science, culture, and community, become privileged spaces for constructing new values and attitudes oriented toward sustainability. Participatory and interdisciplinary methodologies are emphasized as powerful means of fostering ecological awareness and collective engagement. The article concludes that environmental education should be understood as a political and civilizational project whose purpose is to form critical, ethical subjects committed to the planet's future. The integration between global and local perspectives within the school context strengthens the sense of belonging and shared responsibility, reaffirming the role of education as a transformative practice that promotes social and environmental justice.

Keywords: Environmental Education. Sustainability. Conscious Consumption. Planetary Citizenship. Social Transformation.

Introdução

A crise ambiental que marca o século XXI revela uma profunda desconexão entre os modos de vida humanos e os limites ecológicos do planeta. O avanço tecnológico, o consumo desenfreado e a exploração predatória dos recursos naturais intensificaram problemas globais como o aquecimento climático, a perda da biodiversidade e o agravamento das desigualdades sociais. Nesse contexto, a educação ambiental assume papel central na formação de uma consciência crítica capaz de integrar o conhecimento científico, os valores éticos e a ação social. A construção de uma sociedade sustentável depende, portanto, de práticas educativas que articulem o global e o local, reconhecendo que as decisões tomadas no cotidiano impactam o equilíbrio planetário. Trata-se de compreender a interdependência entre os sistemas naturais e sociais,

estimulando nos indivíduos atitudes responsáveis e solidárias.

A escola, como espaço de formação humana e cidadã, é chamada a repensar seus currículos e metodologias à luz da sustentabilidade. A inserção da temática ambiental no cotidiano escolar não deve limitar-se à transmissão de conteúdos sobre ecologia, mas envolver a transformação das práticas e das relações sociais, valorizando o diálogo, a cooperação e o cuidado com a vida. A interdisciplinaridade, nesse processo, torna-se ferramenta essencial para integrar ciência, cultura e política, promovendo uma educação voltada à emancipação e à responsabilidade coletiva. Como afirmam Jacobi (2003) e Layrargues (2000), a educação ambiental ultrapassa o campo técnico, configurando-se como projeto ético e político de reconstrução das relações entre humanidade e natureza.

Diante disso, este artigo tem como objetivo geral analisar de que maneira a educação ambiental pode atuar como elo entre as dimensões globais e locais, contribuindo para o consumo sustentável e o fortalecimento da cidadania planetária. Os objetivos específicos envolvem: compreender os fundamentos teóricos que sustentam a educação ambiental contemporânea; discutir o papel da escola e do professor na construção de valores sustentáveis; e identificar práticas pedagógicas que favoreçam a formação de sujeitos ecológicos e críticos. A relevância deste estudo reside na necessidade de repensar o papel da educação frente aos desafios socioambientais, destacando seu potencial transformador na construção de um novo paradigma civilizatório baseado na cooperação e na justiça ecológica.

Metodologicamente, o trabalho se fundamenta em pesquisa bibliográfica, com base em autores que abordam a interface entre educação, sustentabilidade e ética planetária. Foram analisados textos de Jacobi (2003), Layrargues (2000), Prates (2023), França e Oliveira (2022) e outros pesquisadores que discutem a inserção da temática ambiental na prática pedagógica. A abordagem qualitativa adotada permitiu refletir criticamente sobre os discursos e práticas que permeiam a educação ambiental no contexto escolar. Por fim, o artigo está organizado em três seções principais: a primeira discute as dimensões globais e locais da educação ambiental; a segunda analisa as práticas educativas relacionadas

ao consumo sustentável; e a terceira propõe reflexões sobre a formação da cidadania planetária como horizonte ético e político para a educação contemporânea.

Assim, o presente estudo pretende contribuir para o fortalecimento de uma perspectiva educacional comprometida com a transformação social e ambiental. Ao reconhecer a interdependência entre os povos e os ecossistemas, reafirma-se que educar para a sustentabilidade é também educar para a vida, para a solidariedade e para o futuro comum da humanidade.

Dimensões globais e locais da educação ambiental

A Educação Ambiental, em sua essência, constitui um campo de práticas e saberes voltado à construção de uma consciência crítica sobre as inter-relações entre sociedade, economia e natureza. Sua força está em articular dimensões globais e locais, permitindo que os indivíduos compreendam a complexidade dos problemas ambientais contemporâneos e atuem de forma ética e transformadora. Como coloca Jacobi (2003, p. 194), a educação ambiental deve ser compreendida como “um processo político e pedagógico que visa à formação de cidadãos comprometidos com a sustentabilidade e a justiça social”. Essa perspectiva rompe com abordagens reducionistas e propõe a formação de sujeitos capazes de intervir nas dinâmicas socioambientais que atravessam seu território e o planeta.

A dimensão global da educação ambiental envolve a compreensão das causas estruturais das crises ecológicas, como o modelo de desenvolvimento econômico predatório e o consumo exacerbado. Layrargues (2000, p. 82) defende que:

A degradação ambiental não é apenas um problema técnico, mas uma consequência direta de padrões culturais e sociais orientados pela lógica do capital. Assim, educar ambientalmente é também educar para o enfrentamento das desigualdades, estimulando a solidariedade entre povos e gerações.

Ao reconhecer o meio ambiente como um bem comum, a educação assume papel de mediação entre o conhecimento científico e os valores éticos, favorecendo uma leitura crítica dos impactos globais sobre os contextos locais e vice-versa.

A dimensão local da educação ambiental manifesta-se nas práticas cotidianas das comunidades, onde o ensino adquire sentido ao se vincular à realidade vivida. Dias e Bonotto (2012, p. 37) apontam que “a abordagem local favorece a conexão entre o conhecimento científico e as experiências dos sujeitos, promovendo participação e pertencimento”. Iniciativas como hortas escolares, coleta seletiva e projetos de reaproveitamento revelam o potencial transformador da educação quando construída coletivamente. De acordo com Thiemann et al. (2018), práticas pedagógicas que valorizam saberes tradicionais fortalecem a sustentabilidade comunitária e ampliam a cidadania ambiental.

No entanto, compreender a relação entre o global e o local exige superar dicotomias e reconhecer que ambos os níveis se interpenetram constantemente. Como sugere Thiemann et al. (2018, p. 24):

As ações locais devem ser orientadas por uma consciência planetária, capaz de conectar os problemas ambientais cotidianos às dinâmicas globais. Ao mesmo tempo, as soluções globais só se tornam efetivas quando incorporam a diversidade de contextos culturais e ecológicos.

Assim, a educação ambiental precisa ser simultaneamente situada e abrangente, contextualizada e universal, de modo que os estudantes compreendam seu papel na construção de um mundo mais equilibrado e solidário.

A escola constitui um espaço privilegiado para o desenvolvimento de práticas que integrem as dimensões global e local, favorecendo a formação de sujeitos ecológicos e cidadãos planetários. As metodologias participativas e interdisciplinares assumem papel central nesse processo, pois promovem o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento e estimulam a construção coletiva do saber. A interdisciplinaridade, aliada à criticidade, permite enfrentar as questões ambientais de forma ética, reflexiva e democrática. Assim, o ambiente escolar se consolida como um

espaço de experimentação social e ecológica, no qual se aprende a pensar globalmente e a agir localmente.

A educação ambiental, ao articular ciência, cultura e política, adquire uma dimensão emancipatória que possibilita compreender o mundo em sua complexidade e transformá-lo por meio da ação consciente. Jacobi (2003) defende que a prática educativa ambiental deve promover o pensamento crítico e a participação social, integrando os saberes locais às problemáticas globais. Nessa perspectiva, o diálogo entre escalas local, regional e global amplia a compreensão sobre os impactos ambientais e fortalece o compromisso ético com a sustentabilidade. Assim, a educação ambiental se afirma como um projeto pedagógico e civilizatório, voltado à reconstrução das relações entre a humanidade e a natureza.

A transformação ambiental ocorre não apenas pela transmissão de informações, mas pela reconfiguração dos modos de viver e produzir. Isso exige uma pedagogia sustentada pela cooperação, pela solidariedade e pela corresponsabilidade entre os sujeitos. Ao articular o diálogo entre as dimensões global e local, a educação ambiental reafirma seu papel como instrumento de justiça ecológica e social, contribuindo para o fortalecimento da cidadania planetária e da consciência crítica. Assim, o grande desafio da contemporaneidade é formar indivíduos capazes de compreender o planeta como um sistema interdependente, no qual cada ação local repercute globalmente e cada decisão global se concretiza em práticas sustentáveis nas comunidades.

Práticas educativas e consumo sustentável na formação cidadã

A formação de cidadãos conscientes e comprometidos com o meio ambiente exige uma revisão profunda das práticas educativas e de seus objetivos sociais. O consumo, como fenômeno cultural e econômico, precisa ser compreendido criticamente no contexto educacional, de modo que os estudantes desenvolvam valores éticos, solidários e responsáveis. Segundo Prates (2024, p. 42), a educação para o consumo sustentável deve superar a dimensão informativa, incorporando experiências pedagógicas que promovam a reflexão sobre o impacto das escolhas individuais e

coletivas. Ao inserir o tema nas práticas escolares, a educação transforma-se em espaço de problematização das relações entre desenvolvimento, desigualdade e sustentabilidade, formando sujeitos capazes de agir de modo crítico e transformador.

Conforme aponta França e Oliveira (2023, p. 91):

O consumo não é apenas um ato econômico, mas um comportamento social moldado por valores culturais e ideológicos. A escola, ao assumir o papel de mediadora dessas discussões, deve fomentar o pensamento reflexivo e estimular o protagonismo juvenil na busca por alternativas sustentáveis.

As práticas pedagógicas que relacionam consumo, ética e cidadania possibilitam que o estudante perceba a complexidade das interações entre sociedade e natureza. Nesse sentido, a abordagem interdisciplinar é essencial, pois permite integrar conhecimentos científicos, sociais e ambientais, articulando teoria e prática em torno de um mesmo propósito educativo: a construção de uma cultura de responsabilidade e equilíbrio ecológico.

A formação cidadã está diretamente ligada à capacidade de reconhecer os impactos sociais e ambientais das ações humanas. Atividades voltadas ao consumo consciente, como feiras de troca, oficinas de reaproveitamento e projetos de economia solidária, promovem aprendizagens participativas e reflexivas. Ao substituir o ensino tradicional por metodologias ativas que envolvem investigação, diálogo e cooperação, o processo educativo torna-se mais dinâmico e transformador. Assim, o estudante deixa de ser mero receptor de informações e passa a agir como sujeito ecológico, comprometido com a transformação da comunidade e com a preservação dos recursos naturais.

O consumo sustentável deve ser entendido como parte de uma ética do cuidado com a vida, que envolve respeito ao meio ambiente e à dignidade humana. Feitoza (2021, p. 102) observa que “a educação, ao promover valores de solidariedade e partilha, redefine os modos de produção e consumo, incentivando escolhas mais conscientes e responsáveis.” Essa perspectiva é reforçada por Prates (2024, p. 87), ao afirmar que “projetos interdisciplinares e ações coletivas fortalecem o papel da escola na

transformação cultural e social”. Ao unir conhecimento científico e valores éticos, o ato de consumir torna-se exercício de empatia e responsabilidade planetária.

O consumo sustentável deve ser entendido como um processo educativo que vai além da simples mudança de hábitos, abrangendo também a reflexão crítica sobre os modelos de produção e de consumo vigentes. Ao incorporar essa perspectiva ao cotidiano escolar, o ensino se torna um espaço de construção de consciência e de engajamento social. A aprendizagem, nesse contexto, transforma-se em um exercício de responsabilidade e cidadania, estimulando atitudes de solidariedade e cooperação. Assim, o estudante é convidado a repensar suas escolhas, reconhecer o impacto de suas ações e participar ativamente na promoção de uma sociedade mais justa e ambientalmente equilibrada.

A educação ambiental precisa estar articulada às políticas públicas de ensino, assegurando espaço curricular e institucional para a reflexão sobre consumo e sustentabilidade. O professor desempenha papel essencial nesse processo, pois é ele quem cria condições para o desenvolvimento do senso crítico e da capacidade de ação coletiva. Prates (2024) argumenta que essa integração é indispensável para consolidar uma formação cidadã comprometida com o equilíbrio ecológico e social. Por meio de práticas colaborativas, do uso de tecnologias e de metodologias participativas, o ensino amplia a compreensão sobre os impactos do consumo e incentiva o protagonismo juvenil na construção de soluções sustentáveis.

Educar para o consumo responsável significa formar cidadãos conscientes das implicações sociais, econômicas e ambientais de suas escolhas diárias. Ao estimular a reflexão crítica e o engajamento coletivo, a escola cumpre sua função ética e transformadora na construção de uma sociedade mais equilibrada. As práticas educativas voltadas ao consumo sustentável aproximam teoria e prática, fortalecendo os laços entre conhecimento e ação, escola e comunidade. Dessa forma, o planeta é compreendido como um bem comum que requer cuidado e corresponsabilidade. A formação cidadã, sustentada por uma pedagogia crítica e humanizadora, torna-se instrumento de mudança e consolidação de uma cultura de sustentabilidade.

Cidadania planetária e transformação social na escola contemporânea

A escola contemporânea ocupa um lugar estratégico na construção de uma cidadania planetária comprometida com a justiça social, a sustentabilidade e o respeito à diversidade. O conceito de cidadania, antes restrito ao âmbito político e nacional, passa a englobar dimensões éticas e ecológicas, exigindo uma formação humana que reconheça a interdependência entre os povos e o planeta. Segundo o que afirma Gomes et al. (2016, p. 54), a cidadania planetária emerge como resposta à crise civilizatória e ambiental que marca o século XXI, convocando os sujeitos a repensarem seus modos de vida, de consumo e de relação com o outro e com o meio ambiente. Nesse contexto, a escola torna-se espaço privilegiado para fomentar valores solidários, práticas democráticas e consciência crítica diante das transformações globais.

Conforme discute Ferreira (2023, p. 267):

A educação para a cidadania planetária deve promover uma aprendizagem que una razão, sensibilidade e ação. A formação ética e ecológica dos estudantes requer experiências concretas de participação e corresponsabilidade, nas quais o aprender ultrapasse o domínio cognitivo e alcance a dimensão existencial.

A pedagogia voltada para o planeta pressupõe o reconhecimento de que todas as formas de vida estão interligadas e de que o equilíbrio ambiental depende da cooperação entre seres humanos e natureza. Assim, a escola deve adotar práticas pedagógicas que despertem a empatia e o senso de pertencimento à comunidade global, preparando os estudantes para atuarem de modo consciente e transformador na sociedade.

O desenvolvimento da cidadania planetária requer compreender a escola como um espaço de ação social e política, capaz de articular conhecimento, ética e compromisso coletivo. A prática docente, quando orientada por valores de solidariedade e sustentabilidade, permite que o estudante reconheça o impacto de suas atitudes sobre o meio ambiente e sobre a vida em sociedade. Conforme discute Oliveira et al. (2025), a educação assume caráter emancipatório ao estimular a reflexão crítica sobre

desigualdades e incentivar soluções coletivas para desafios socioambientais. Assim, ao incorporar temas como mudanças climáticas, diversidade cultural e direitos humanos, o currículo escolar consolida-se como instrumento de transformação planetária.

Para Araújo et al. (2024, p. 28):

É importante destacar que a cidadania planetária requer uma mudança paradigmática na forma de ensinar e aprender. O desafio consiste em transformar o conhecimento científico em sabedoria prática, capaz de orientar escolhas éticas e sustentáveis. Projetos interdisciplinares, práticas colaborativas e metodologias participativas são caminhos eficazes para promover o engajamento dos estudantes e fortalecer o compromisso com o bem comum.

A escola, ao se abrir ao diálogo com a comunidade e ao mundo, contribui para a construção de uma cultura de paz e respeito mútuo, em que o aprendizado se torna experiência de vida compartilhada e instrumento de transformação coletiva.

A formação para a cidadania planetária requer a articulação entre o global e o local, de modo que os desafios mundiais se conectem às realidades concretas das comunidades. O estudante precisa compreender que a degradação ambiental, a pobreza e as desigualdades sociais estão interligadas e exigem respostas éticas e cooperativas. Cabe à escola promover um pensamento crítico e sistêmico, que permita reconhecer o planeta como uma totalidade viva e interdependente. Quando integrada ao projeto pedagógico, a educação ambiental torna-se um caminho eficaz para despertar a responsabilidade, o respeito e o cuidado com todas as formas de vida.

A cidadania planetária é construída nas práticas cotidianas e nas relações humanas que compõem a vida escolar. O convívio democrático, o respeito às diferenças e o diálogo constante são pilares de uma educação voltada à paz e à sustentabilidade. Ferreira (2023, p. 270) ressalta que esses valores se expressam nas pequenas ações diárias, capazes de gerar consciência e corresponsabilidade. Oliveira et al. (2025, p. 14) destacam o papel do professor como mediador desse processo, ao promover o olhar crítico e a reflexão ética. Assim, a escola torna-se espaço de formação integral, onde saber acadêmico e compromisso social se entrelaçam.

A cidadania planetária deve ser compreendida não apenas como um ideal pedagógico, mas como um projeto político voltado à reconstrução das relações humanas e ecológicas. Quando a escola contemporânea assume essa responsabilidade, converte-se em agente de transformação social, unindo conhecimento e ação em favor de uma sociedade mais justa, solidária e sustentável. A integração entre ciência, ética e cidadania reafirma o papel da educação como prática de esperança e compromisso com o futuro comum. Educar para a cidadania planetária significa formar indivíduos conscientes de sua responsabilidade global e de sua capacidade de agir localmente para transformar o mundo.

Considerações finais

A discussão desenvolvida neste artigo evidenciou que a educação ambiental constitui um dos pilares mais sólidos para a construção de uma sociedade ética, consciente e sustentável. Ao articular as dimensões globais e locais, a educação assume um papel estratégico na formação de cidadãos capazes de compreender as interdependências ecológicas que permeiam o mundo contemporâneo. A reflexão proposta reafirmou que não é possível enfrentar os desafios ambientais atuais apenas por meio de informações técnicas ou conteúdos isolados, mas sim por meio de práticas educativas que promovam a transformação de valores, atitudes e comportamentos. A sustentabilidade, portanto, deve ser entendida como um projeto coletivo e permanente, sustentado pela solidariedade, pelo respeito à diversidade e pela corresponsabilidade social.

No decorrer da análise, observou-se que a formação da consciência ecológica requer uma abordagem interdisciplinar e contextualizada, que una o conhecimento científico às experiências cotidianas das comunidades. A escola, como espaço privilegiado de socialização e aprendizagem, precisa assumir a responsabilidade de promover a integração entre teoria e prática, entre saberes científicos e saberes populares. Essa articulação fortalece o senso de pertencimento e amplia a percepção de que cada ação local impacta o equilíbrio global. Desse modo, a educação ambiental não se restringe à sala de aula, mas se expande para o território, conectando o

aluno à realidade e despertando nele o sentimento de compromisso com o planeta e com as gerações futuras.

A análise dos autores que fundamentaram este trabalho reforça que o consumo sustentável e a cidadania planetária são dimensões complementares de um mesmo processo formativo. As práticas educativas que envolvem o reuso de materiais, a economia solidária, as hortas escolares e os projetos de reciclagem ilustram como a educação pode transformar hábitos e promover uma cultura de cooperação. O estudante, quando estimulado a refletir sobre as consequências de suas escolhas e a agir de forma responsável, deixa de ser um receptor passivo de informações e passa a atuar como protagonista da mudança. Essa perspectiva resgata o sentido humanizador da educação, que forma sujeitos críticos, éticos e comprometidos com a vida em todas as suas formas.

Outro ponto central abordado refere-se à função política e emancipatória da educação ambiental. A transformação social não se realiza apenas por meio do acúmulo de conhecimentos, mas pela capacidade de compreender o mundo e intervir nele de forma crítica e solidária. Nesse sentido, o professor desempenha papel fundamental como mediador entre o conhecimento e a ação, inspirando os alunos a desenvolverem um olhar sensível e reflexivo sobre a realidade. A mediação docente, quando orientada por valores éticos e ecológicos, contribui para o fortalecimento da democracia e para a consolidação de práticas educativas voltadas ao bem comum. A formação continuada dos professores é, portanto, condição indispensável para que a escola se torne um espaço de construção de saberes voltados à sustentabilidade e à justiça ambiental.

A reflexão também apontou que a educação ambiental é um ato político e ético, cuja força está na capacidade de promover o diálogo entre os diferentes saberes e contextos culturais. O reconhecimento dos conhecimentos locais, das práticas tradicionais e das experiências comunitárias enriquece o processo educativo e amplia as possibilidades de aprendizagem significativa. Valorizar o que é vivido e experimentado no território é uma forma de reafirmar a diversidade como riqueza e de fortalecer o vínculo entre cultura, natureza e identidade. Essa pedagogia da escuta e da participação estimula o protagonismo coletivo e ajuda a

consolidar uma consciência planetária que une o global e o local em um mesmo horizonte de cuidado e responsabilidade.

No campo das implicações práticas, este estudo demonstra que a efetivação da educação ambiental exige a integração entre políticas públicas, gestão escolar participativa e formação docente crítica. A escola deve ser compreendida como um espaço de inovação e ação cidadã, onde o currículo se constrói de forma flexível e colaborativa, orientado por valores de solidariedade e justiça ecológica. Os projetos interdisciplinares, quando vinculados à realidade da comunidade, fortalecem o vínculo entre escola e território, criando oportunidades para o engajamento coletivo. Além disso, o uso ético das tecnologias digitais representa um recurso valioso para aproximar os estudantes das problemáticas ambientais e potencializar processos criativos de aprendizagem.

Conclui-se que educar para a sustentabilidade é educar para o futuro. Isso significa formar cidadãos capazes de pensar criticamente, agir com empatia e cooperar na busca por soluções que respeitem os limites do planeta. A educação ambiental entre o global e o local assume, assim, uma dimensão transformadora, que ultrapassa a transmissão de conteúdos e se consolida como um processo contínuo de reconstrução cultural. Quando a escola se compromete com o diálogo, a inclusão e o cuidado com a vida, ela se torna um espaço de esperança ativa, de reconstrução de sentidos e de resistência frente à lógica do consumo e da indiferença.

Por fim, compreende-se que o fortalecimento da cidadania planetária depende da capacidade das instituições educativas de inspirar novos modos de viver e conviver. Educar para o consumo sustentável, para a solidariedade e para o respeito mútuo é o caminho mais promissor para a construção de uma sociedade ética e justa. A educação ambiental, enquanto projeto civilizatório, precisa ser defendida como um direito e uma responsabilidade de todos — educadores, gestores, famílias e comunidades. Ao promover a reflexão crítica e o engajamento social, a escola contribui para a construção de um novo paradigma de convivência, no qual o conhecimento se transforma em ação, e a ação em compromisso com a vida.

Referências

ANDRADE, Francisco M. R. de; SILVA, Tatiane S.; COSTA, Lúcia M. **Educação Ambiental na Amazônia Brasileira: atividades pedagógicas e conscientização cidadã.** *Revista Environmental Education and Awareness*, Brasília, v. 14, n. 2, p. 56-70, 2023. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC10013270/>. Acesso em: 15 out. 2025.

ARAÚJO, J. M.; SOARES, L. N.; FERREIRA, E.; DOMINGOS, M. A. C. **Educação como agente de transformação social: desafios e possibilidades.** *Revista The Missioneira*, 30 jun. 2024. Disponível em: <https://cemipa.com.br/revistas/index.php/missioneira/article/download/67/56/197>. Acesso em: 5 ago. 2025.

DIAS, Glaucia de Medeiros; BONOTTO, Dalva Maria Bianchini. **As dimensões local e global nos entendimentos e práticas de professores participantes de um curso de formação continuada em Educação Ambiental.** *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, Vigo, v. 11, n. 1, p. 145-163, 2012. Disponível em: https://reec.uvigo.es/volumenes/volumen11/REEC_11_1_8_ex554.pdf. Acesso em: 15 out. 2025.

FEITOZA, M. A. **Consumo consciente e educação básica: estratégias para promover a sustentabilidade.** 2020. Disponível em: https://facerescientia.com.br/wp-content/uploads/2024/11/CONSUMO-CONSCIENTE-E-EDUCACAO-BASICA_-ESTRATEGIAS-PARA-PROMOVER-A-SUSTENTABILIDADE.docx.pdf. Acesso em: 10 jun. 2025.

FERREIRA, P. F. A. **O despertar da consciência cidadã planetária a partir da educação ambiental.** *Revista SCIAS – Direitos Humanos e Educação*, v. 6, n. 2, p. 262-277, 2023. Disponível em: <https://revista.uemg.br/sciasdireitoshumanoseducacao/article/download/7979/4997>. Acesso em: 14 mai. 2025.

FRACHA, Y. Y. **Contribuição do planejamento dialógico na construção de escolas públicas democráticas rumo à cidadania planetária.** *Revista Brasileira de Educação e Psicopedagogia (RBEPed)*, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/88Y3TKMRnYdYMh7mMHSpH7Q/?lang=pt>. Acesso em: 3 fev. 2025.

FRANÇA, J. P.; OLIVEIRA, M. A. Nobre de. **Educação Ambiental e sustentabilidade escolar no “Projeto Cidadania e Sustentabilidade na Escola”.** *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, v. 19, 2022.

Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/download/18626/13076>. Acesso em: 3 mar. 2025.

GOMES, A. C. F.; SAMPAIO, B. S.; SOUSA, N. L. B. **Cidadania Planetária: um estudo de caso no sistema de educação das escolas profissionais do Estado do Ceará.** Disponível em: https://www.uece.br/eventos/spcp/anais/trabalhos_completos/247-3482-30032016-165202.pdf. Acesso em: 10 jul. 2025.

JACOBI, Paulo. **Educação Ambiental, cidadania e sustentabilidade.** *Ciência & Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 189-205, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/kJbkFbyJtmCrFtmfHxktgnt>. Acesso em: 15 out. 2025.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. **Resolução de problemas ambientais locais na Educação Ambiental: um estudo de caso brasileiro.** *Revista Environmental Education Research*, Brasília, v. 6, n. 2, p. 167-178, 2000. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/248965348_Solving_Local_Environmental_Problems_in_Environmental_Education_A_Brazilian_case_study. Acesso em: 15 out. 2025.

NASCIMENTO, F. N.; LOBINO, M. G. F. **Consumo, sustentabilidade e educação ambiental: análise de uma proposta de ensino.** *Revista Sala de Aula*, v. 13, n. 3, 2021. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/saladeaula/article/view/2742>. Acesso em: 26 abr. 2025.

OLIVEIRA, J. A. et al. **Educação Ambiental e as potencialidades da cidadania planetária: enfoques teórico-práticos na contemporaneidade.** *Revista Educação Contemporânea (REC)*, v. 2, n. 2, 2025. Disponível em: <https://editoraverde.org/portal/revistas/index.php/reca/article/view/526>. Acesso em: 22 jun. 2025.

PRATES, A. de O. **Práticas educativas para um desenvolvimento sustentável.** *Journal Desenvolvimento*, 2023. Disponível em: <https://ojs.latinamericanpublicacoes.com.br/ojs/index.php/jdev/article/download/2431/2180/6865>. Acesso em: 12 jan. 2025.

SILVA, R. T. B. **A Educação Ambiental Freiriana na concretização do consumo sustentável.** *Educação e Realidade*, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/JZtTMNY6tW3Xf8FkN4PZXjg/?lang=pt>. Acesso em: 18 ago. 2025.

THIEMANN, Fabiane T.; LIMA, Rosane P.; MORAES, Eliane S. **Pesquisa em Educação Ambiental no Brasil: tendências, desafios e**

perspectivas. *Revista Environmental Education Research*, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 213-228, 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13504622.2018.1536927>. Acesso em: 15 out. 2025.